

A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO NA ERA DA INTERNET

La investigación en comunicación en la era del internet

Lucilene Cury
Universidade de São Paulo –
Brazil
São Paulo – Brazil
<https://orcid.org/0000-0002-7426-1903>

RESUMEN

En el contexto de las Ciencias Sociales, la investigación en Comunicación en tiempos de redes digitales necesita ser revisada necesariamente, en el sentido que forma parte de lo que se denomina Ciencia Abierta, conocida también como Ciencia Ciudadana, una nueva modalidad de publicación sin costos, de naturaleza colectiva y con capacidad de llegar al mayor número posible de receptores. Se trata de cumplir la tarea de hacer llegar a todos, los resultados de las ciencias de modo colaborativo con calidad y rapidez, los problemas sociales enviados al quehacer científico para que los científicos juntos encuentren pistas capaces de ayudar en la búsqueda de soluciones a los problemas de la sociedad ya sean en el sentido de fomentar políticas públicas de comunicación y otras, tal como fue posible verificar en lo ocurrido con el tema de las vacunas en esta crisis sanitaria mundial que asola el planeta.

Palabras clave: Investigación en Comunicación, redes digitales, Ciencia abierta.

ABSTRACT

No contexto das Ciências Sociais, a pesquisa em Comunicação, em tempos de redes digitais, precisa ser necessariamente revista, no sentido de que faça parte do que se denomina Ciência Aberta, também chamada de Ciência Cidadã, uma nova modalidade de publicação, sem custos, de natureza coletiva e com capacidade de chegar ao maior número possível de receptores. Trata-se de cumprir a tarefa de fazer chegar a todos, os resultados das ciências, de modo colaborativo, com qualidade e rapidez, os problemas sociais encaminhados ao fazer científico, para que juntos, os cientistas encontrem pistas capazes de auxiliar na busca de soluções aos problemas da sociedade, sejam elas no sentido de fomentar políticas públicas de

comunicação e outras, tal como foi possível verificar no ocorrido com a questão das vacinas nesta crise humanitária mundial que assola o planeta.

Keywords: Pesquisa em Comunicação, redes digitais, Ciência abert.

Em recente pesquisa realizada pelo **Grupo de Pesquisa CNPq – Cibernética Pedagógica – Laboratório de Linguagens Digitais – LLD** – da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – Brasil, foi produzido o artigo intitulado: “Por uma Nova Ciência a Favor de um Mundo Novo – a Ciência Colaborativa” – cujos principais pontos vão a seguir relatados nesta conversação, divididos em dois grandes aspectos, o primeiro deles relacionado à construção do conhecimento científico em tempos de redes digitais e o segundo, à própria divulgação do conhecimento elaborado.

I – Quanto ao “fazer científico”:

- destaque para a ciência na mídia em geral, aproximando os temas vitais da sociedade para a população em geral;
- observação sobre a necessidade que a ciência tem de se reorganizar, de se fazer coletiva através da colaboração entre os cientistas, entre os pares;
- necessidade de que a ciência tenha consciência de seu papel na sociedade, que está organizada em redes cada vez mais interligadas pela Internet;
- atuação mais célere da apresentação dos resultados obtidos;
- evidência do poder da ciência e de sua relação com a impotência dos cientistas a respeito desses mesmos poderes;
- conhecimento das coações técnico-científicas pelas quais passam as instituições de pesquisa;
- falta de financiamento robusto para as pesquisas;
- falta de credibilidade oriunda das notícias falsas (“Fake News”);
- necessidade da passagem de um estado de vaidade fundamentada no espírito competitivo para o estado de prazer resultante do espírito colaborativo;
- a capacidade de compreensão do mundo real em toda sua complexidade, com o desenvolvimento do pensamento

complexo, dialógico, capaz de abraçar as diversidades, as incertezas e a desordem da realidade.

II – Quanto à divulgação científica:

- uso de tempo expandido para a ciência nos noticiários televisivos, tanto em canais abertos, quanto nos de assinantes, que se abrem temporariamente para o público em geral, nestes tempos de calamidade social;
- prevalência das mídias digitais que são acessíveis a grande parte da população, Principalmente através dos telefones móveis (celulares);
- maior aproximação das ciências e dos cientistas à população, já que há busca Intensa por mais informações sobre a pandemia mundial, sobre os cuidados a serem tomados e sobre seus efeitos na saúde, na economia e na vida em geral;
- divulgação da ciência e das notícias a ela relacionadas, a partir das redes de comunicação, especialmente pela Internet, que chegam mais rapidamente a todos, mas que também apresentam informações falsas, como que se convencionou chamar de “Fake News”.

Assim, tanto o fazer científico na área da Comunicação, quanto a divulgação das ciências em geral, pela Comunicação, através dos seus mais diversos meios, mas principalmente pelos digitais, passam por grandes transformações nestes tempos e merecem cada vez mais estudos para sua atualização, como é o caso deste em que se pretende tratar dessa atualização.

Especificamente, quanto ao fazer científico em tempos de Internet cada vez mais acelerada e potente, alteram-se também os procedimentos para a realização das pesquisas, sendo necessário propor uma

nova abordagem epistemológica, que é a espinha dorsal de qualquer investigação, bem como para as questões metodológicas e práticas investigativas, incluindo aí a seleção dos temas mais adequados à situação atual do mundo, das sociedades e comunidades específicas a que pertencem os pesquisadores, com o intuito de melhor compreendê-las para nelas atuar.

Assim, a partir da Epistemologia do Pensamento Complexo de Edgar Morin, que torna toda e qualquer ciência, independentemente da sua área de concentração, complexa e não reducionista, buscam-se os novos referenciais para compreender o mundo, considerando ainda a necessidade de compreender o ser humano na Terra, como elemento determinante, já que num processo dialético, a Terra dependeu do homem, que depende da Terra (MORIN, 2007).

Muito do que acontece ao homem atualmente, depende do descaso que se dá à natureza, aos efeitos de sua degradação, ao aquecimento global, à poluição ambiental e à toxidade da vida. Tratada de maneira alheia ao cotidiano do ser humano, a Terra apresenta uma espécie de vingança, do ponto de vista metafórico, como a mostrar que existe e que está sendo agredida e nesse movimento podem ser encontrados muitos dos desastres que afetam drasticamente o homem, não somente à sua saúde, mas à própria condição de estar no mundo em que habita.

A partir desse primeiro entendimento, todos os demais aspectos da ciência precisam ser alterados, tais como a fase da coleta de dados, que em grande medida passa a ser feita via internet, mas serve assim mesmo, para acrescentar informações e dados úteis e necessárias ao avanço da ciência, que advém das teorias já existentes sobre os fatos ou a situação problemática que levou o pesquisador a empreender seu projeto de investigação.

Também a observação, procedimento metodológico prioritário para os estudos científicos da comunicação, contém as características desta nova era da Internet e é necessário considerar essa situação com outras formas de olhar os fenômenos sociais, a fim de que os resultados da investigação

não venham a ser prejudicados, ou mesmo falseados por essa condição da não-presença para acompanhamento dos fatos da realidade social que se pretende analisar.

Já que em tempos de mídias digitais, o que prevalece é o contato virtual, interessa perguntar que comunicação é essa que aqui se trata. Se é a comunicação enquanto processo de troca autêntica entre os sujeitos, ou de simples conexão, cada vez mais ampliada, inclusive entre sujeitos e máquinas.

Assim, só para exemplificar esse aspecto da relação com as máquinas, vai aqui uma situação verificada neste Natal de 2021: ao postar uma mensagem no WhatsApp de modo equívoco para um contato comercial, a assistente virtual respondeu instantaneamente, como é o caso desse aplicativo e que deveria ser assim também para os humanos, de modo fulminante: “desculpe, não consigo receber vídeos”

, o levou a uma reflexão sobre em que momento encontra-se a comunicação : pessoas com carência de contato humano e máquinas sendo capacitadas a agir de modo comunicativo. Então, a pergunta parece ser – até quando? Como resposta, pode-se inferir que a simbiose entre homens e máquinas está a um passo de se estabelecer, de modo irreversível, o que deve incitar os pesquisadores da comunicação a uma maior atenção para esse fenômeno irreversível e, ao mesmo tempo, de muitas consequências para o ser humano.

Nesse mesmo contexto, o que se verifica é a proliferação das plataformas digitais eletrônicas, com conteúdos comerciais, culturais, educacionais, de saúde, de diversão e muitos outros, que leva a um cenário onde estão, de um lado, todo o instrumental tecnológico em rápido desenvolvimento e, de outro, o sujeito, também cada vez mais tecnológico, para poder acompanhar o ritmo imposto ao mundo atual, mas que possui uma lógica humana, ou seja, de natureza humana, que é diferente da lógica da inteligência artificial e aí está o grande desafio a ser encarado pelos pesquisadores da comunicação. Não o considerar equivalente a cometer um erro básico, que pode levar a resultados também errôneos, ou pelo menos, não significativos no atual momento da humanidade.

Trata-se de pensar numa comunicação de tipo efetivo, não somente de conexão. Comunicação essa, que pode vir a ser uma aliada para a compreensão da complexa sociedade do conhecimento, onde o desafio é abrir tal conhecimento para todos, de forma ampla e plural, para além da técnica, com a prevalência do homem sobre ela e não sendo por ela subjugado.

Importa tratar da comunicação, enquanto tema das pesquisas e enquanto divulgadora dos seus resultados. Em ambas as posições, ela precisa ser entendida como diálogo e não como discurso, pois há uma grande diferença entre discurso e diálogo, como aponta Dominique Wolton (2005), já que o discurso é um conglomerado de informações, se não houver possibilidade de troca, mesmo que seja com a linguagem da máquina, não se estabelece o diálogo e, portanto, não se dá a comunicação e muito menos a educação ou o aprendizado. Porém, pergunta-se novamente: até quando não haverá esse diálogo? E o desafio persiste, há que se estudar e acompanhar esse avanço, se o pesquisador da comunicação quiser estar atrelado ao tempo presente e ao tempo futuro.

Edgar Morin, por sua vez, enfatiza a Ética da Compreensão no bojo de seus trabalhos sobre o tema da comunicação e da complexidade humana, que pode ser reafirmada em entrevista concedida ao Jornal espanhol El País (2020), quando trata das questões da solidariedade envolvendo a crise humanitária em que se encontra o mundo desde então.

Compactuando com essas ideias e valores, não é possível aceitar que a relação homem/máquina seja fria, instrucional e que não proporcione interações entre ambos. Acredita-se na importância da técnica, da tecnologia e compreende-se seu grande papel como aliada na busca de soluções para muitos dos problemas sociais nestes tempos, já que com ela é possível mesclar luz, som, imagem, texto e movimento à ação comunicativa. Questiona-se, portanto, essa aparente incomunicação que ainda existe, sendo que a proposta é a de realizar trabalhos e pesquisas acadêmicas para alterar esse estado de coisas, como se trata aqui no que se expõe.

No outro lado dessa análise e muito importante no papel que a comunicação desempenha nestes tempos de Internet, estão as chamadas “Fake News” e sua influência também nos dois polos aqui já apresentados: a comunicação enquanto tema das pesquisas científicas e a comunicação enquanto elemento básico de divulgação do conhecimento científico.

De forma que, ao buscar fontes de pesquisa, há que se definir quais são as verdadeiras, já que há um excesso de informações falsas na Internet, uma vez que o acesso à produção é indiscriminado e tem sido um alarme constante para os cientistas, como pode ser verificado na atual crise pandêmica pela qual passa o mundo, principalmente em relação aos efeitos das vacinas que foram descobertas em tempo célere por seus estudiosos, de modo colaborativo e de âmbito internacional. Sendo esse um exemplo dos mais significativos do que é a ciência aberta, feita por pares de pesquisadores e divulgadas também em tempo célere, para melhor atender às necessidades de salvar vidas, tal como foi possível observar em várias partes do mundo, ainda que em muitas outras, por questões econômicas e pela falta de solidariedade entre os humanos, gerenciados por seus governantes, as vacinas ainda não tenham chegado de modo satisfatório, como se sabe.

Ao mesmo tempo, observa-se que as notícias falsas colaboraram para a perda de muitas vidas, num processo avassalador, em todo o mundo e programas de computador, ou seja, aparatos de informática e de inteligência artificial, foram criados para servir à verificação dessas informações, a fim de diagnosticar se são fatos ou “fakes”.

Emissoras de televisão e outros meios de comunicação, foram chamados a realizar essa checagem e, atualmente essas práticas fazem parte dos noticiários diários para que o público seja esclarecido em várias dimensões da vida, tais como, notícias sobre celebridades e seu cotidiano, levando às vezes a situações drásticas e dramáticas. Em outros casos, desinformando e causando danos irreparáveis à vida humana, como é o caso das vacinas e do uso de falsos medicamentos, como pode ser observado não somente no Brasil, como em outros países

da Europa como a França, por exemplo e também nos Estados Unidos.

Segue-se assim, com esse dilema e coma necessidade de para ele olhar e neleatuar, num esforço sistemático de tratar de compreender, investigar e divulgar as ciências da comunicação de modo humano, verdadeiro, amoroso, pois, como em palestra realizada na cidade de São Paulo, em 2015, afirmou Dominique Wolton: “Comunicação é Amor!” E assim deve ser tratada a Comunicação, com Amor...

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Lucilene, JOLBERT, Marcos C. Azambuja. “Comunicação ou conexão?”. Revista Geminis. Universidade Federal de São Carlos, ano 6 - n. 1 | p. 286-295

CURY, Lucilene et al. Por uma Nova Ciência a Favor de Um Mundo Novo -A Ciência Colaborativa. Anais do I Encontro Virtual da ABCiber, 2020.

MORIN, Edgar. O Ano I da Era Ecológica – Perspectivas Ecológicas. Lisboa: Editora Piaget, 2007.

MORIN, Edgar. <https://elpais.com/cultura/2020-04-11/edgar-morin-vivimos-en-un-mercado-planetario-que-no-ha-sabido-suscitar-fraternidad-entre-los-pueblos.html>

MORIN, Edgar. Um Festival de Incertezas. Paris: Editora Galimar, 2020.

WOLTON, D. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

WOLTON, D. **É Preciso salvar a Comunicação.** São Paulo: Editora Paulus, 2005.